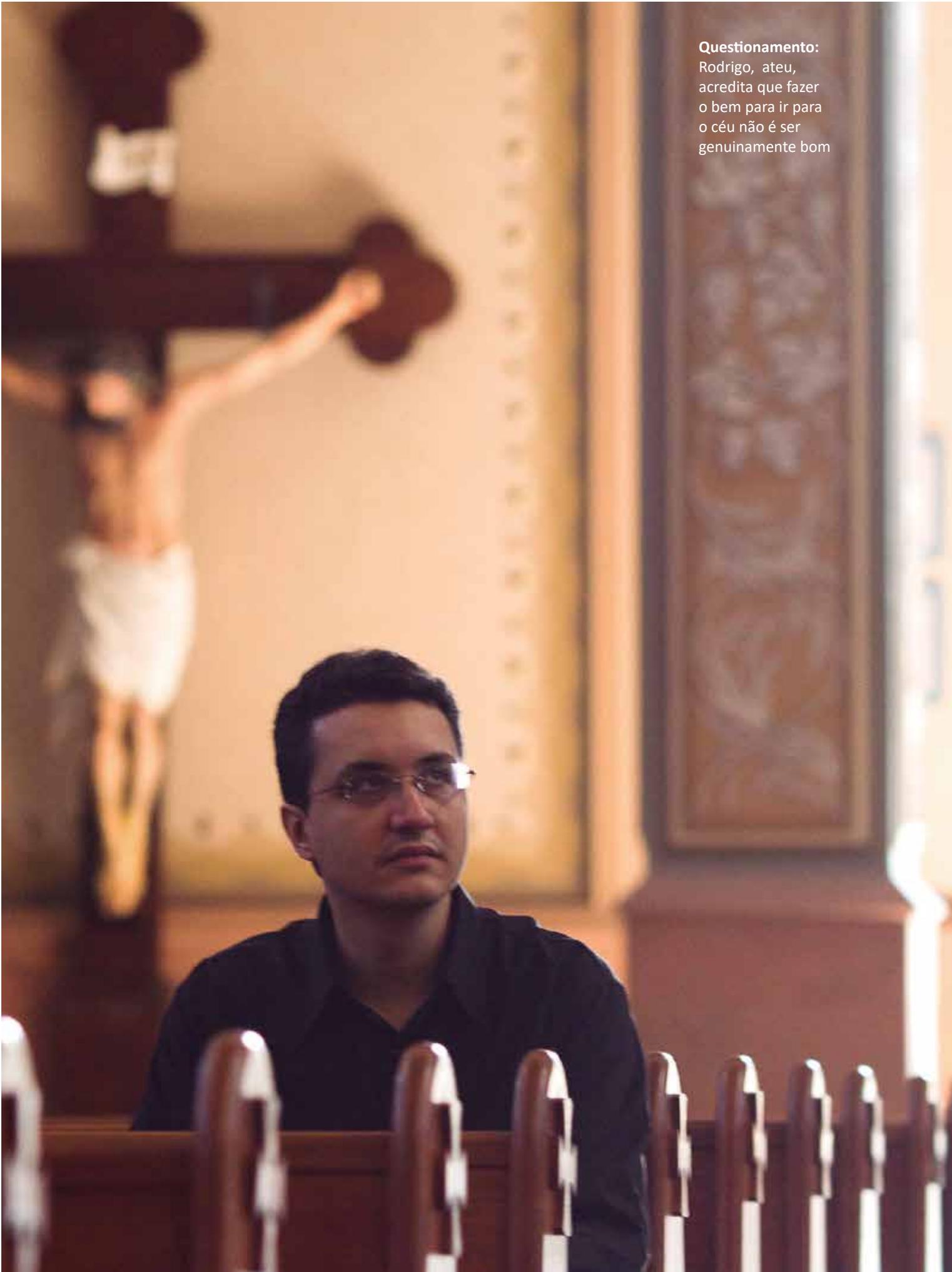


Questionamento:
Rodrigo, ateu,
acredita que fazer
o bem para ir para
o céu não é ser
genuinamente bom



O paraíso de quem não crê

Crer em um céu como destino após a morte certamente influencia a vida. Então qual a visão de um ateu sobre o sentido da existência?

Texto de TARCÍSIO BERTIM
Fotos de SEMIRA MARTINS

Em épocas de conhecimento científico quase nulo, as religiões, de forma geral, explicavam os mistérios da natureza, a origem e o destino da vida. Não demorou para muitas crenças se tornarem apenas mito, como na Grécia, com a ascensão dos filósofos. Entretanto, algumas religiões, além de ainda refeltem sobre dúvidas eternas – de onde viemos e para onde vamos? –, versam sobre comportamento, moral, ética e ensinam que o que fazemos em vida pode ter consequência direta após a nossa morte. Logo, a fé também funciona como um regulador social, seja por medo, esperança de algo melhor no porvir, ou apenas para acalmar o anseio da ideia de finitude.

No Brasil, o Censo do ano 2000 indicou que cerca de 90% da população se declara cristã, entre católicos, protestantes e outros. Apenas 7,4% dos brasileiros se dizem sem religião. Será que se Deus não existe, então tudo é permitido? Quais os limites e o compromisso, nesta vida, de alguém que não aguarda nada após a morte, nem recompensa, nem castigo?

“Questiono pessoas que dizem ser boas para não serem punidas ou para irem para o céu, pois há alguém observando. Isso não é ser genuinamente bom. E uma das coisas boas do ateísmo é se livrar desse *Big Brother*”, diz Rodrigo da Silva Guerra, engenheiro de controle e automação com doutorado em Robótica cursado no Japão. Um rapaz com a idade de Cristo – 33 anos – e feições serenas. Aparentemente incapaz de causar qualquer mal a alguém. Ateu.

Ele diz não ter qualquer desprezo pelas crenças. Considera que as religiões foram úteis quando não se tinha respostas; contudo, para ele, o que sabemos hoje nos pos-

sibilita rever, inclusive, conceitos morais impostos por dogmas religiosos.

DE ONDE VIEMOS?

Rodrigo cresceu em um ambiente católico. Nascido em São Leopoldo, a 40 quilômetros de Porto Alegre, estudou em escola franciscana e fez primeira comunhão e crisma, exatamente como a tradição religiosa determina. Sua faculdade e mestrado também foram cursados em instituições católicas. Conta ele que, desde criança, sempre questionou todos os princípios de fé, mas foi o estudo da robótica e da cognição humana que culminaram em seu posicionamento ateu de forma convicta. “A educação liberta. Faz-nos saber o que e como questionar. Vejo pessoas que dizem crer em algo, mas não sabem se posicionar. Tampouco sabem se acreditam mesmo no que dizem”, ressalta.

Rodrigo conta que as primeiras dúvidas surgidas na infância diziam respeito à incoerência dos fatos bíblicos tidos como verdadeiros, como as histórias de Adão e Eva e da Arca de Noé. Para ele, num Universo com bilhões de galáxias iguais a nossa, é antropocêntrico e egoísta demais conceber que alguém tenha criado a humanidade nos últimos 100 mil anos – uma fração de segundos para os bilhões de existência do Universo – e que tudo gire em torno do Homem.

A própria História levou Rodrigo a concluir que o conceito de um ser divino e criador é obra das culturas através dos anos. Assim, em sua concepção, estava refutada de vez a possibilidade criacionista da origem do Universo. “Em uma viagem ao Egito, estive em ruínas em que havia, na mesma construção, deuses egípcios, romanos e inscrições católicas. A guia turística

muçulmana, usando um véu e tudo, dizia que ‘eles’ acreditavam nisso e naquilo. Como ela não questiona a própria crença?”, indaga.

O BEM E O MAL

A forma como o cristianismo aborda o sexo também é criticada por Rodrigo. “Sabe-se hoje, por exemplo, que a homossexualidade, que não é aceita no meio católico, é algo natural. Acontece, inclusive, no reino animal.” Ultimamente, o grande embate entre ciência e religião tem sido acerca do aborto. Para Rodrigo, é a atividade cerebral que determina o início da vida. “Não quero que se cometa um assassinato, por isso é preciso saber exatamente quando isso acontece. Agora, quanto a um bebê anencéfalo, por exemplo, é muito cruel obrigar uma mãe a carregar durante nove meses uma criança que vai morrer alguns minutos ou horas depois de nascer”, opina.

Estudar a cognição para aplicá-la à robótica fez Rodrigo concluir que a moral vem do mesmo lugar, tanto em ateus quanto em religiosos: da consciência. Ele afirma que, por sermos seres grupais, é natural termos empatia. Portanto, a moralidade não viria de ensinamentos religiosos, mas do senso comum de cada época e contexto social.

PARA ONDE VAMOS?

A crença na vida após a morte serve de alicerce para muitas pessoas, senão a maioria, conseguirem lidar com o fato de que tudo que é vivo morre. O céu do cristianismo é uma representação concreta dessa possibilidade de vida após a morte. Rodrigo não se conforma com o fato de que seja preciso crer em outra vida, ou esperar reencontrar entes queridos que se foram, para se dar valor a esta.



Quando ao vazio que as pessoas podem sentir por não esperar nada além desta vida, ele ironiza: “Quando se descobre que Papai Noel não existe é supertriste também”, e acrescenta, “Mas como você se sentia antes de nascer? O que te machucava? Você não existia. A morte é assim, não me assusta.”

O COLORIDO DA VIDA

De acordo com Rodrigo, ser ateu não tira sua sensibilidade para enxergar a beleza. Em sua opinião, o céu que a religião propõe impede que as pessoas vejam a poesia da vida em si: “A ideia que se tem é de que a ciência é fria, mas eu entendo que ela traz mais cor para a vida. Quando vemos um implante fazer alguém voltar a ouvir, é como um milagre. É lindo”.

Porém, salienta ele, não há verdade apenas nas ciências exatas. História, Sociologia e Antropologia são exemplos de estudos cujos métodos científicos não são exatos, e isso não diminui sua veracidade e importância. “A música também é algo inexplicável. Tem um poder incrível, e não sabemos exatamente o porquê. Mas a música é real e bela”, completa. Rodrigo é um pesquisador que também aprecia a arte – filmes, livros, pinturas. Quando criança, queria criar desenhos animados, e desenhar é um hábito que o acompanha até hoje. Fã de artes visuais, fotografar é seu principal hobby. “Fotografar me tira de dentro de casa e me faz conhecer lugares, pessoas e outras perspectivas.”

Rodrigo da Silva Guerra, ateu, doutor em robótica, tornou-se vegetariano (vegano) mesmo depois de ter experimentado diversos tipos de carnes durante os anos vividos fora do Brasil. “Me casei na igreja católica, porque seria importante para minha esposa e minha família. Mas ainda não me declarava ateu. Tive que prometer ensinar meus filhos sobre Deus e Cristo. E vou cumprir minha promessa. Mas vou ensinar também sobre Zeus, Hórus e outras crenças. Assim como não vou impor o vegetarianismo. Quero que eles decidam no que acreditar.”

“Como você se sentia antes de nascer? O que te machucava? Você não existia. A morte é assim, não me assusta”

Rodrigo da
Silva Guerra,
*engenheiro de controle
e automação, ateu*

IMPRESSÕES DE REPÓRTER

“Tudo e qualquer assunto sobre religiões me interessa muito. Quando o tema céu foi escolhido para esta edição da **Primeira Impressão**, vislumbrei a possibilidade de explorar esse assunto que tanto me instiga. Entretanto, o ponto de vista de um céu metafísico a partir de várias religiões seria uma pauta extremamente batida para se construir. Decidi inverter os valores e procurar saber qual a visão desse mesmo céu espiritual para alguém declaradamente ateu. Uma matéria ao mesmo tempo instigante e extremamente difícil para mim. Instigante, pois entrevistar e buscar informações para fazer o perfil de um ateu, certamente, me acrescentaria um conhecimento desejável. Mas a tarefa árdua, em particular, seria manter distância de minhas próprias crenças, pois sabemos o quão passionais esses temas nos tornam. No final, as entrevistas foram ótimas. O perfilado da matéria me mostrou que temos mais em comum do que diferenças. Concluo que somos todos humanos em uma busca. E jornalisticamente, creio que cumpri com o propósito inicial de imparcialidade, deixando a opinião para os entrevistados.”

Que céu é este?

No cristianismo, o Céu é a habitação de Deus. O Deus consciente e criador, que busca relacionar-se com sua criação. O desejo de Deus é que o homem esteja apto para entrar no Céu e vê-lo face a face. Entretanto, é a própria condição humana que impede essa reaproximação. Cristãos crêem que Jesus Cristo ascendeu aos céus em um corpo ressurreto. Portanto, o Céu seria um lugar físico. Apenas um ser pleno poderia adentrar neste lugar. “É impossível para alguém como nós, como somos e estamos, entrar nesse lugar. Simplesmente não conseguiríamos suportar a presença de Deus. Por isso cremos na restauração, quando teremos um corpo glorificado, como o de Cristo, e pronto para entrar no lugar onde Deus está”, diz Felipe Pinheiro, 24 anos, teólogo protestante.

OS CAMINHOS PARA O CÉU

“O Céu não é um lugar que a gente mereça. Nada que eu faça me leva ao Céu. E nada que eu deixe de fazer vai me impedir de ir para lá. Entraremos nele pela graça de Deus, que é para todos”, afirma Felipe. Assim, de acordo com o teólogo, o plano de Deus se concretiza: para que ninguém se vanglorie da própria salvação, nenhum sacrifício pessoal é válido. Na

verdade, nem mesmo necessário, o que impede alguém de se tornar, sozinho, digno de entrar na morada do Senhor. De acordo com Felipe, a única condição para que alguém esteja pronto para a vida eterna é a fé. Fé em Jesus.

Jesus Cristo seria o próprio Deus, que se fez homem e habitou entre os homens, ou seja, ele mesmo pagou pelos pecados que separavam os homens de Deus. Reconhecer a obra de Deus, negando o orgulho próprio e aceitando o fato de que apenas ele pode transformar o ser, é o caminho para entrar no Paraíso. “Quem não acredita nisso terá, de qualquer forma, um julgamento justo, pois Deus é amor e justiça. Nosso senso de justiça é muito limitado. Posso pensar que vou para o Céu, pois creio em tudo isso. Mas, quem sabe eu não vá?”, finaliza Felipe.

Só sei que nada sei

Crer ou não na existência do Céu e de um Deus criador não são as únicas opções possíveis para as pessoas. No meio do caminho há os que têm certeza apenas de não ter certeza alguma. São os chamados agnósticos. Alguns pendem para o lado dos ateus – agnósticos ateístas – e outros, para os crentes – agnósticos teístas. Mas há os que não se posicionam de lado algum e não fazem disso uma busca incessante.

“Não sei se existe ou não e me conformo com essa situação de não saber”, diz Rômulo Garcia, 25 anos. Segundo ele, os argumentos ateus e religiosos nunca o fizeram ter certeza de qual posicionamento seguir. Os ateus não o convencem da não existência do divino; no entanto, para crer, ele afirma que não espera necessariamente provas palpáveis. “Eu precisaria apenas sentir algo diferente. Cresci em família católica, mas ia à igreja apenas para fingir que acreditava naquilo, porque eu não sentia nada.”

Ateus precisam ter tanta fé quanto os religiosos para crer no próprio ponto de vista, segundo Rômulo, pois a ciência não dá provas concisas para não acreditar. Além disso, ele afirma que atualmente o status intelectual do ateísmo leva muitas pessoas a se declararem assim. “Está meio na moda ser ateu. Porque parece ser mais inteligente”, ironiza.

Se de um lado Rômulo metralha o ateísmo, do outro não faltam tiros para o cristianismo. Para ele, as religiões oferecem uma vida após a morte para quem a compra, como um produto. “Se soubéssemos de onde viemos e para onde vamos, tudo na vida seria tão certo. Por isso sou agnóstico.”

O sentido da existência, para Rômulo, não está em crer ou não em outra vida, mas em viver esta com entusiasmo. “Se pensarmos em tratar o próximo como queremos ser tratados, tudo muda. Por isso, sou convicto na minha dúvida.”

